

O TRABALHO FEDERATIVO E A QUESTÃO DO COMERCIAL E INDUSTRIAL

A-DA IMPORTÂNCIA DE UMA LUTA DE APOIO AO COMERCIAL E INDUSTRIAL

B-OBJECTIVOS DE UMA PRÁTICA FEDERATIVA, CENTRADA NESTE MOMENTO NO APOIO AOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

C-FUNCIÓNAMENTO DESTA PRÁTICA FEDERATIVA

D-PROPOSTAS MAIS ESPECIFICAS

A-DA IMPORTÂNCIA DE UMA LUTA DE APOIO AOS ESTUDANTES DO COMERCIAL E INDUSTRIAL

1-A razão de ser

Quando os estudantes de alguma escola são em especial alvo de formas mais agudas e mais nítidas de repressão (suspensões ou mesmo prisões de estudantes, fecho de Associações, etc), gera-se automaticamente a predisposição em amplas massas estudantis para uma movimentação de solidariedade e luta de apoio a o "alvo" em causa.

Mas acontece que esta predisposição tem vários aspectos, e é reflexo de como é encarada a repressão em causa; o estudante pode ser motivado numa base "sentimental" (coitados dos estudantes reprimidos); de solidariedade mais ou menos abstracta (ajudemo-nos uns aos outros...); essencialmente moral (isso de facto é injusto); e pode ser motivado numa base bastante mais sólida - a partir das razões de ordem socio-político-económica(1) que se materializaram na agudização da repressão.

Se o grosso dos estudantes se mantiver dentro da primeira perspectiva (base moral) a movimentação não terá um conteúdo sólido e acabará por se dispersar pouco a pouco, acabando por morrer. Isto vem salientar a importância de se fazer um esforço de politização da solidariedade, para que a movimentação adquira um carácter mais consciente, e portanto mais sólido; luta contra a raiz do problema, e não apenas contra os aspectos em consequência.

Difere no entanto radicalmente esta linha de orientação expressa, de outra que se traduz em escamotear a necessidade de enquadrar todas as motivações possíveis, (precisamente para poder ir integrando uma na outra, progressivamente), em vez de as ridicularizar pura e simplesmente; isto implica muito claramente que o teor da perspectiva presente nos comunicados, intervenções, etc das AAEE não seja feita em termos pretenciosamente ultra-politizados, perfeitamente inacessíveis e inaceitáveis precisamente para aqueles que mais devem aproveitar da existência desses comunicados e dessas intervenções.

2-Eficácia de uma acção resoluta na Universidade como efectivo apoio.

Mas a repressão é igualmente condicionada por uma correlação de forças.

Os estudantes, com a sua luta resoluta, podem fazer recuar a investida da repressão, e conquistar importantes vitórias.

Como vimos a repressão ao surgir, gera consigo as condições da sua própria destruição; pois cria a predisposição para a luta contra ela em amplas camadas de estudantes.

É portanto fundamental que os estudantes do Comercial e Industrial não fiquem isolados na sua luta e sejam acompanhados pelo apoio efectivo dos restantes estudantes do ensino Universitário e não Univ.; cabe às AAEE transformar a predisposição em movimentação.

(1) A Repressão existe não é pela "malvadez" de uns tantos "extremistas" do governo; ela surge quando a defesa dos interesses da minoria exploradora, da classe social que tem o poder nas mãos, assim o exige. Não é por acaso que o "alvo" é agora o Ensino Médio; os Técnicos formados nessas Escolas desempenham um papel chave no desenvolvimento da economia actual, e a minoria exploradora dominante precisa desses técnicos bem despolitizados e "patificados", isto é, competentes no seu trabalho e ignorantes de tudo o que possa ser prejudicial à "ordem" estabelecida (a "ordem" da exploração da população trabalhadora), assim como bem dóceis as hierarquias das empresas, ajudando os patrões a controlar com mais eficácia a exploração organizada do operário. No meio disto, as Associações de Estudantes são um estorvo à obtenção desta mentalidade dócil e acarneirada, assim como resistência dos alunos em engulirem sem protesto a "ciência" e a "técnica" que os seus professores lhes querem impingir. E então, reprime-se... fecham-se as Associações e proibem-se os alunos de intervir na aula, sob pena de suspensões, etc.



3- Como arranque de uma federativização efectiva das lutas das Escolas e do seu trabalho, virado a uma primeira consolidação interna.

A criação de uma Federação dos Estudantes de Lisboa é de facto um passo em frente importante na luta estudantil. Ora o caminho para esta federativização passa indispensavelmente pelo tratamento federativo dos processos de luta internos que o podem e devem ser (e este é o caso presente), ligado duma forma correcta à consolidação interna das AAEE; devendo este tratamento federativo nunca se desligar da situação real do trabalho interno das diversas Escolas, e vice-versa.

Sistematizando isto tudo, podemos estabelecer duma forma geral os

B- OBJECTIVOS DE UMA PRÁTICA FEDERATIVA CENTRADA, NESTE MOMENTO, NO APOIO Á LUTA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

- "Descomprimir" e generalizar o problema, evitando o seu isolamento e consequente fácil aniquilação; conquistar vitórias importantes contra a repressão; fortalecer em especial as estruturas associativas em perigo dessas Escolas;

- "Aproveitar o desmascaramento que a luta no Comercial e no Industrial faz da situação de policiamento e isolamento dos estudantes e o arranque tornado possível para enraizar também na Universidade a crítica radical à divisão e organização do trabalho capitalista" e fundamentalmente neste momento "aos seus reflexos na Universidade, e para criar aqui as formas de organização que permitam transformar em acções essa crítica", de forma a consolidar as AAEE enquanto estruturas organizadas de massas que enquadrem activamente as amplas camadas intermédias estudantis, e não apenas as mais politizadas.

nota: as citações entre "... " são extractos de uma proposta aprovada em R.I.A.

isto significa:

- que a propósito da repressão no Ensino Médio se deve prespectivar politicamente num crescendo as amplas camadas intermédias, agregando-as cada vez mais solidamente em torno da visão política mais global e mais esclarecida da camada mais politizada dos estudantes

- que por parte das AAEE, se deve interligar correctamente esta crescente prespectivação política das camadas intermédias (apoiadas na camada mais politizada) com o seu enquadramento organizativo nas estruturas das AAEE, de forma a pô-las a funcionar enquanto verdadeiros órgãos de massa e realmente radicados nela; é visando esta interligação correcta (e não apenas um dos aspectos) que as acções concretas devem ser programadas e propostas pelas AAEE.

- que nunca se deve puxar para trás um movimento que ultrapasse a base de trabalho das AAEE referida; nunca boicotar, oportunisticamente, acções mais radicais que as massas se proponham a realizar; mas

simultaneamente, nunca liderizar (as AAEE) essa ultrapassagem e essas acções; nunca deixar de combater um isolamento que certas acções e certas ultrapassagens possam trazer às AAEE (2).

(2) O método de discernir essas certas acções não pode ser um método metafísico de simbolismo abstracto ou de "catalogação" de acções; deve ser sim em função da sua repercussão no seio das camadas intermédias face às AAEE, e nunca em função exclusiva da camada mais politizada!

A ligação correcta do trabalho interno ao federativo, e vice-versa

O trabalho federativo só tomará verdadeira força se equivaler a um bom e sólido trabalho interno; da mesma forma, o trabalho federativo é um indispensável e precioso incentivador e impulsionador do trabalho interno, integrando-o no plano geral e fazendo avançar a luta.

Isto significa que programar o trabalho federativo apenas em função do que seria de desejar para satisfazer as necessidades específicas da luta, sem olhar à situação do trabalho interno (e portanto não enquadrar esta luta na luta geral), é um erro grave; mas também o é programar-se o trabalho interno sem este ser dirigido a uma crescente federativização das lutas das Escolas, a uma constante perspectivação do trabalho interno à luz da luta federativa.

Estes dois tipos de erros graves, levam por vias diferentes ao mesmo resultado: um afastamento drástico entre o trabalho federativo e os processos internos das Escolas, acabando por conduzir a um desbotar do trabalho federativo e a uma crise profunda do trabalho interno.

Para se obter essa ligação correcta entre o trabalho interno e o trabalho federativo há que estabelecer dois aspectos intimamente correlacionados: a sua base organizativa e o seu conteúdo.

1 - Quanto ao seu conteúdo:

• Garantir no trabalho federativo das AAEE que a perspectivação política, quer através de textos, documentos, intervenções de colaboradores e dirigentes, quer através do próprio tipo de propostas concretas de acção, esteja essencial e predominantemente (e portanto não exclusivamente) dirigida às âmplos camadas de estudantes não identificados já irremediavelmente com os interesses de classe da minoria exploradora - e não à minoria estudantil mais politizada; tendo vivamente em conta o nível das suas dúvidas, das suas hesitações, da sua disposição para determinado tipo de acções concretas, etc.

• Garantir no trabalho interno (através dos quadros mais esclarecidos e do próprio trabalho federativo) a consciência crescente da importância vital do não isolamento dos processos internos da Escola, do caminhar progressivo para uma integração da luta interna da Escola na luta federativa, da importância de participar cada vez mais activamente no trabalho federativo; e isto muito especialmente no que diz respeito aos estudantes e colaboradores mais recentes da Escola, que devido às asneiras cometidas (entre outras coisas, claro) no conteúdo do trabalho federativo, tendem erradamente a cair num chauvinismo e isolacionismo desmobilizados.

2 - Quanto à base organizativa:

• As estruturas de trabalho federativo devem assentar nas estruturas de trabalho interno. As reuniões inter-secções devem pois assentar nas estruturas correspondentes nas Escolas, as secções. A orientação do trabalho federativo das inter-secções, definida em reuniões gerais de todos os colaboradores das escolas da respectiva secção, o que implica que a frequência com que se realizam, tem de estar em função das disponibilidades dos respectivos colaboradores.

• As decisões são tomadas a voto por Escola; para a execução do trabalho planificado, constituem-se comissões específicas de trabalho federativo, de colaboração aberta; estas comissões reunir-se-ão mais assiduamente. Além disso, cada Escola fica vinculada, a executar internamente determinado tipo de trabalho, de acordo com a situação específica da Escola.

• Estas reuniões inter-secções não deverão seguir o velho esquema das reuniões de delegados.

• De notar que a noção de "secção" não pode ser tomada como rígida, pois ela pode assumir diversas formas consoante a Escola. (Por exemplo em Ciências a secção é o conjunto das estruturas respectivas de curso mais a comissão coordenadora; e os estudantes colaboram nessas estruturas de curso organizados em funções específicas e não numa forma rígida).

• As Escolas deverão converter o trabalho federativo num estímulo de organização interna, nos sectores e na forma que for mais propícia em cada caso concreto.